



Um modelo catenário e tensivo para a estrutura do quadrado semiótico

Waldir Beividas*

Resumo: Este artigo visa explorar uma sugestão de Zilberberg, quando, numa reflexão *en passant*, propunha que “o categórico pressupõe o gradual que o funda” e que “o categórico é obtido pela suspensão dos termos *catenários* e conservação dos termos extremos” (1981, p. 10). Catenária – do latim *catena* [cadeia] – é definida em dicionário como uma curva na qual pende, sob a influência de seu próprio peso, um fio suspenso pelas extremidades. Essa figura geométrica permite “espelhar” o gradiente de tensividade – figura de um L, eixo intensivo na vertical e eixo extensivo na horizontal – acoplado a seu espelho (um L invertido), um segundo eixo intensivo e extensivo. O primeiro L responderia pela “tonicidade” (na verticalidade intensiva) e sua “degradação” (na horizontalidade extensiva) do termo primeiro (S1); o L invertido responderia pela tonicidade e degradação do termo segundo (S2). Em suma, duplica-se o gradiente tensivo para acolher os dois termos categoriais do quadrado semiótico que, assim, se “tensivisa”.

Palavras-chave: semiótica tensiva; intensidade; extensidade; catenário; quadrado semiótico.

1 Introdução

Como os demais artigos deste número especial da revista *Estudos Semióticos*, este texto pretende ser modesta homenagem a Claude Zilberberg e a sua hoje chamada *Semiótica Tensiva*. Trata-se de vertente singular da teoria geral da semiótica, oriunda esta do pensamento de F. de Saussure, via L. T. Hjelmslev e diretamente criada por A. J. Greimas, mestre principal e diretor da tese de doutoramento de nosso homenageado. A semiótica tensiva interessa atualmente a poucos, um punhado de pesquisadores na América Latina, outro na Europa, outro na Ásia. Contam-se talvez não mais que a dezenas. Mas a esses poucos ela conta muito, pelo fascínio cognitivo que desperta, pela inteligência intrínseca a suas formulações conceituais. Some-se a isso a fineza granular de suas análises descritivas sobre as infinitas estratégias pelas quais o sentido do mundo, da vida, do sujeito, se faz manifestar nos discursos vários. É para esses poucos, mais precisamente, para os poucos pesquisadores brasileiros envolvidos com essa semiótica tensiva, que as

DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.156046

* Docente do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP). Endereço para correspondência: { waldirbeividas@gmail.com }.

páginas deste artigo se dirigem. O intuito, ou a esperança, é de que esses poucos aumentem um pouco.

Inelutável lei da Vida, a morte, Claude Zilberberg (26.05.1938-12.10.2018) deixou-nos recentemente. Lastimada perda, no âmbito afetivo da existência, para aqueles pesquisadores que puderam conhecê-lo *in praesentia*, em contato direto com a sua pessoa, generosa e gentil sob todos os aspectos. O ar triste de seu semblante, misturado com o leve sorriso, de sutil ironia, nos lábios de sua fala, transparecia de imediato, para quem disso tinha alguma notícia, alguém que tivera vida sofrida, de judeu sobrevivente à Segunda Guerra, o que ele pouco gostava de relembrar¹. Em conversa pessoal disse uma vez que, das coisas de que mais se lembrava da infância, era ter estado sempre com fome. A vida nessas condições, certamente tudo lhe aguçara a fina inteligência de leitura cognitiva do mundo, das teorias, dos pensadores vários, tanto quanto a fina sensibilidade para a apreensão do “sensível” no mundo, o que sem dúvida contribuiu para a promoção do afeto, em sua própria teoria, ao estatuto de “chave cognitiva” (1994) para descrever os modos de presença do sentido do mundo para o homem².

Inelutável lei da linguagem, a concessão, faz com que a triste perda do homem comece a significar hoje um grande ganho à teoria que legou, a saber, o crescente interesse e reconhecimento do “ponto de vista tensivo” que ele, obstinado e persistente ao longo de décadas, angulou e aprumou no âmbito da teoria semiótica geral. Não importa se futuramente o regime tensivo do sentido será descrito nos próprios termos do nosso autor ou em outros congêneres. Importa que a tensividade saiu das margens da teoria e hoje navega o leito principal. Indícios vários, colhidos aqui e acolá, levam a crer que doravante a teoria semiótica será tensiva, ou não será.

Instaurada hoje “de direito” e “de fato”, a semiótica tensiva teve lançadas suas preliminares em *Essais sur les modalités tensives* (1981), texto pioneiro de Zilberberg (que merecerá aqui atenção especial). A semiótica dita *standard* ou clássica, categorial, inaugurada por Greimas em seu *Sémantique structurale* (1966), acabava de se firmar solidamente, apenas dois anos antes, por meio de um dicionário comentado de seus conceitos centrais – *Dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (1979) – escrito juntamente com J. Courtés. E eis que o ponto de vista tensivo, *gradual*, já se insinua furtivo, de grão em grão, com a vocação futura de rivalizar com o ponto de vista *categorial* e de impor-se pouco a pouco a ele.

Com efeito, segundo movimento maior, a semiótica tensiva de Zilberberg ganha difusão mais ampla, no âmbito do grupo greimasiano, com o lançamento, mais institucionalizado, de *Tension et signification* (1998), em parceria com J. Fontanille. No interstício dos quase vinte anos aí corridos, Zilberberg publica o livro *Raison et poétique du sens* (1988) em meio a inúmeros artigos que, ano a ano, desenham e costuram paulatinamente seu pensamento, exploram suas hipóteses e aprimoram os conceitos tensivos e sua metalinguagem. O novo século assiste a outras numerosas produções suas, dentre as quais destaca-se a consolidação

¹Cf. a abertura por J. Fontanille do número especial das *Actes Sémiotiques* (2019).

²Para aqueles que não o puderam conhecer, há uma longa entrevista áudio-visual em <https://www.youtube.com/watch?v=kb-B0nXkOYo>.

conceptual da sua teoria tensiva em dois textos teóricos maiores, *Eléments de grammaire tensive* (2006) e *La structure tensive* (2012). No entretanto dessas duas obras, recebe merecida homenagem coletiva de mais de uma quinzena de pesquisadores europeus e da América Latina, dentre os quais quatro brasileiros, em livro organizado por D. Ablali e S. Badir, cujo título, verdadeiro achado, traduz em cheio o espírito mesmo do pensamento de Zilberberg: *Analytiques du sensible. Pour Claude Zilberberg* (2009). Sete anos depois, G. Lara e C. Mendes publicam *Em torno do acontecimento: uma homenagem a Claude Zilberberg* (2016), com uma vintena de pesquisadores envolvidos e, mais recentemente, I. C. Lopes et P. M. de Souza organizam e publicam *Estudos semióticos do plano da expressão* (2018), obra também dedicada a nosso homenageado, com 12 contribuições. Somemos a tudo isso outras tantas coletas de ensaios publicadas por outros centros de semiótica como o de Puebla (México) e o de Lima (Peru), com versões dos originais franceses em seus idiomas próprios, sobretudo em português e espanhol, o que atesta a penetração das ideias tensivas por estas bandas hispanoamericanas nas reflexões de pesquisadores e jovens doutores³.

Tais publicações testemunham a presença *de fato* da semiótica tensiva. Mas esta também se impõe *de direito*. Reivindica certa “correção de rumo” da semiótica greimasiana ao procurar trazer da periferia para o centro as questões profundas e delicadas da tensividade, da foria, do afeto, do acontecimento, do andamento, ao procurar fazer prevalecer o sensível sobre o inteligível, o afeto sobre a cognição, o tímico sobre o pragmático e sobre o cognitivo. A uma semiótica categorial, do descontínuo, ela vem a acrescentar as micro-modulações do contínuo, granulação mais fina e dinâmica para as articulações sêmicas do quadrado semiótico, substituindo-as por células tensivas a formar em conjunto, uma vasta tabela foremática que se propõe mais ajustada e adequada à realidade do modo de presença dos signos da língua quando e sobretudo porque acionados em discurso, única forma de sua manifestação eficiente.

“Semiótica sonhadora, sonhada e intermitente”, “semiótica do tremor, da cintilação, da hesitação”, “semiótica lúdica, um pouco fantasiosa”, assim H. Parret abre seu prefácio a *Razão e Poética do Sentido* (2006 [1988]), adjetivos que atribui a um Zilberberg *determinado*, adjetivos aos quais acrescenta ainda outros, doravante superlativos: “provavelmente a mais original, a mais formal, a mais radical, a mais poética, a mais genial” (p. 11). Trata-se para Parret (2009, p. 237), desta feita nas homenagens que faz a Zilberberg em *Analytiques du sensible* (Ablali; Badir, 2009), do “sonho de um alquimista” que o fascina pela “estranheza fantasmagórica de uma incrível idiosincrasia... imaginativa, poética, delirante”. “Pensamento enigmático”, “imprevisível”, os “mistérios do pensamento” de Zilberberg exigem um exercício “difícil e exaltante”, é como J. Fontanille (2009, p. 225) também o homenageia. Em sua “catedral de interdefinições e de interfaces” ao lado da “proliferação de taxinomias”, segundo Parret (2009, p. 238-240), a semiótica tensiva de Zilberberg não deixa de provocar “o espanto, a expectativa, o suspense, o estupor, o transporte, a profundidade, o jorrar súbito (*jaillissement*), a irradiação, o impacto, tudo o que

³Para consulta da bibliografia completa de Zilberberg, livros inteiros e artigos em revista, no original e nas versões em outras línguas, pode-se consultar o sóbrio e rico site criado e mantido por J. R. do Carmo Júnior e R. Mancini: <http://www.claudezilberberg.org/>.

faz vibrar as cordas de nosso ser”. Paradoxalmente “abstrata” e, ao mesmo tempo, “vibrante”, de “conceitualização ousada, exigente e sutil”, suas noções, segundo D. Bertrand (2009, p. 18), são “talhadas e retalhadas, polidas e transformadas em joias cognitivas” (Mpondo-Dicka, 2009, p. 51). Enfim, o conjunto desses traços parece levar a semiótica tensiva a abrir um “novo paradigma semiótico” que vem senão a balançar, a contrabalançar com o “paradigma fenomenológico” que atraiu a muitos pesquisadores nos últimos vinte ou trinta anos (Ablali, 2009, p. 195-206).

Essas avaliações, mormente calorosas, escolhidas ao acaso, perante outras tantas espalhadas em teses e artigos vários pelo pequeno mundo semiótico, testemunham que a semiótica tensiva de Zilberberg provoca todo tipo de curiosidade, fascinação, expectativa e mesmo sobressaltos, menos indiferença. Pelo ponto de vista adotado, pelos objetos ressaltados no interior do campo semiótico, pela metalinguagem conceptual de extrema novidade e singularidade, Zilberberg se torna neste momento um *maître à penser* e sua criatividade um pensamento a decifrar, a ser explorado em suas minúcias, um desafio à comunidade de pesquisadores aí engajados.

Virtudes notáveis marcam a instauração da semiótica tensiva de Zilberberg:

- (i) a modéstia das suas ambições: ao título de teoria ela prefere apresentar-se, antes, como *hipótese tensiva*. Não vem para *substituir* a semiótica anterior, mas fazê-la avançar ao explorar grandezas que não o foram a contento pelo volume das pesquisas já efetuadas: “a hipótese tensiva não constitui nem uma descoberta nem uma invenção, visto que consiste em um deslocamento das grandezas atestadas” (Zilberberg, 2011, p. 2);
- (ii) a ousadia em içar o fenômeno tensivo das profundezas da linguagem, obscurecido pela força do fenômeno diferencial e alçar o conceito de *tensão* a um nível de paridade com aquele de *diferença*: “não há diferença sem a emoção de uma tensão, não há tensão sem o ditado de uma diferença” (Zilberberg, 1981, p. vii), conforme a formulação lapidar que Zilberberg vai emprestar de G. Deleuze: “a intensidade é a forma da diferença como razão do sensível” (*apud* Zilberberg, 2011, p. 7);
- (iii) a prudência em evitar o embate entre o contínuo e o descontínuo : “a casa do sentido é vasta o bastante para acolher tanto o contínuo, quanto o descontínuo, mesmo porque nem este nem aquele fazem sentido por si mesmos, mas apenas por sua colaboração” (Zilberberg, 2011[2006], p. 16);
- (iv) a persistência em não desprezar o valor heurístico de uma *metalinguagem* em contínua expansão, recriminada às vezes como delírio ou vertigem (cf. supra), mas cujo objetivo mantinha-se e se mantém na direta linhagem tanto da orientação hjelmsleviana – que a expande ao extremo – quanto da greimasiana, mais contida, tudo na convicção de que semiótica se põe como uma *disciplina da intuição* que nos impede de dizer coisa qualquer sobre o sentido. Noutros termos, seu conceptuário, aparentemente complicado e prolixo (a olhos não engajados), visa evitar que a teoria recaia no regime de

“comentários piedosos” ou de “exegeses respeitadas”, e, ao contrário, progrida sob o regime de um “saber do que se fala” (Zilberberg, 1981, p. x)⁴.

2 Um quadrado semiótico tensivo

Une image ne démontre pas, elle
convainc.
F. Edeline (2011)

Nesta pequena homenagem a Zilberberg proponho-me explorar uma ideia, guardada na memória, há bom tempo, quando já lançados seus grafos ou gradientes da tensividade, perante os impactos da primeira leitura que fiz de *Essais de modalités tensives* (1981). A ideia brotou a partir de uma sugestão sua nesse texto de que “o categórico pressupõe o gradual que o funda”, uma vez que “o categórico é obtido pela suspensão dos termos *catenários* e pela conservação dos termos extremos” (p. 10).

Catenária – do latim *catena* [cadeia] – é definida em dicionário como uma curva na qual pende, sob a influência de seu próprio peso, um fio suspenso pelas extremidades. Por exemplo, um fio de eletricidade de um poste a outro mostra uma curvatura das bordas para o centro, dado o próprio peso da fiação (cf. Figura 1):



Figura 1

A figura geométrica da catenária permite à imaginação poder montar “em espelhamento” o grafo que *faz ver* o gradiente da tensividade. Consideremos a montagem em dois tempos (cf. Figura 2).

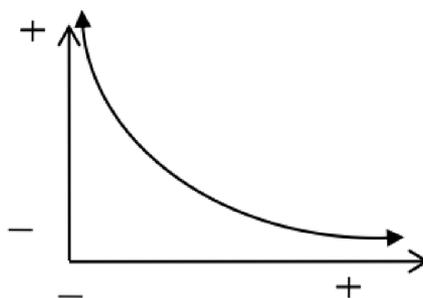


Figura 2

⁴Zilberberg segue à risca o pensamento de Hjelmslev para quem um sistema de categorias pressupõe um aparelho “vasto” e “coerente” de termos e definições (1971, p. 128). No mesmo intuito, segundo Benveniste, a criação conceptual é a operação “ao mesmo tempo primeira e última de uma ciência” (1966, p. 247).

Esse grafo, já bem explorado em inúmeros textos de Zilberberg e demais pesquisadores engajados, responde pela “tonicidade” (na verticalidade intensiva) e sua “degradação/ atenuação” (na horizontalidade extensiva) da grandeza em questão. A linha em curva representa visualmente os movimentos de ascendência e descendência, isto é, um trânsito entre os dois eixos intensivo e extensivo. Aplicado ao quadrado semiótico, ele responderia pela caracterização tensiva do termo S1. Ora, nenhuma objeção geométrica mais grave impediria que o tomássemos de modo invertido (cf. Figura 3):

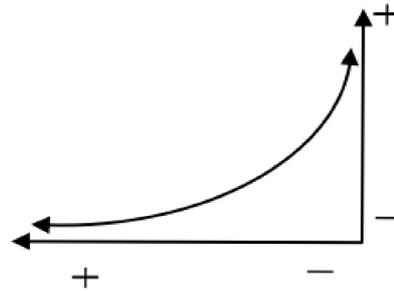


Figura 3

Esse grafo invertido teria o encargo de responder pela tonicidade (intensidade na vertical) e degradação/atenuação (na extensividade horizontal) da segunda grandeza do quadrado semiótico (S2). A partir desse “espelhamento” do grafo duplica-se o gradiente tensivo para acolher os dois polos categoriais do quadrado semiótico (cf. Figura 4):

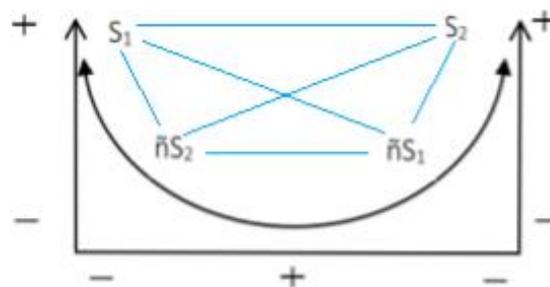


Figura 4: Duplicação do gradiente tensivo.

A duplicação “em espelho” do grafo parece poder abrigar um *imenso* espaço conceptual para interceptar as modulações de intensidade (forte/fraca) e extensividade (concentrada/difusa), bem como seus vetores ascendentes e descendentes, conforme será o caso, para as grandezas a serem examinadas, mormente para o caso dos termos contraditórios (\tilde{n} -S1 e \tilde{n} -S2), estes até hoje explorados em suas “razões lógicas”, imperativos de sua proveniência aristotélica, mais do que nas sutilezas semânticas próprias às linguagens e seus discursos, isto é, em sua “razão do sensível”, para retomar Deleuze (cf. acima). Esse imenso espaço, ilustrado

pela curva catenária, quer-me parecer poder criar uma *modulação tensiva* para a estrutura geral do quadrado semiótico que, assim, “se tensiviza”. E cumpre uma das exigências que Zilberberg pleiteava contra a categorização sêmica do quadrado semiótico original, originada no sistema binarista da fonologia de Jakobson: a representação tensiva do quadrado, acima ilustrada (Figura 4), permite *fazer ver* que os lugares sêmicos são menos “posições” (lógicas) do que “translações”, fluxos, movimentações vetoriais (*glissements, balayages*) (Zilberberg, 1981, p. 7).

As setas verticais do grafo respondem não apenas pelos contrários (quente / frio, grande / pequeno), mas também, em fuga “para cima”, acolhe os sobrecontrários (tórrido/gélido, enorme/minúsculo), assim como a curva catenária abriga toda a gama de subcontrários (morno/fresco, médio/baixo), com todos os vetores ascendentes e descendentes dos seus “incrementos” – os “mais” e os “menos” que caracterizam a sintaxe intensiva (cf. Zilberberg, 2012, p. 51-54). De toda forma e em todos os casos, não há um ponto de pouso, fixo, no espaço tensivo, a respeitar assim a constante elasticidade do discurso nos fartos usos e *andamento (tempo)* de seus quantificadores e aspectualizadores.

Algumas precauções se impõem no desenvolvimento e interpretação dessa exploração. A primeira delas vem da advertência de F. Edeline, de que uma imagem não tem a força da demonstração, quando muito convence (cf. a epígrafe logo acima). Tal fragilidade vem compensada com uma concessão, admitida pelo mesmo Edeline, ao término de suas fortes reflexões nesse artigo, a de que “a utilização mais e mais universal da imagem testemunha, entretanto, eloquentemente suas vantagens” dado que o “olho pode trabalhar segundo a linearidade do código linguístico tanto quanto segundo a espacialidade dos códigos visuais” (2011, p. 12).

A segunda precaução é perante o termo *catenário*. Foi utilizado apenas duas vezes, no texto dos *Essais*, citado acima. Salvo insuficiência de leitura e atenção não foi mais retomado por Zilberberg em textos posteriores. E mesmo as duas menções foram feitas *en passant*. Difícil interpretar o que pudesse ter ocorrido em sua imaginação teórica ao utilizá-lo, sem propósitos explicitados, no primeiro capítulo do livro, intitulado “Sous les sèmes y a quoi ?” (1981, p. 8 e 10). De modo que, ao conforto do seu abandono, é de se preferir, pois, o risco de acionar-lhe uma função conceptual, em apoio ao seu ponto de vista tensivo⁵.

Por sua vez, a exploração exige, também por precaução, comentários e contra-posições, ainda que breves e provisórios, acerca de outras tentativas teóricas de pesquisadores vários, tentativas de provocar e fomentar toda sorte de potencialidades heurísticas ao próprio quadrado semiótico clássico, lançado por Greimas e Rastier em *Du sens* (1970, p. 126-143) como também aquelas de ajustes entre o quadrado semiótico e o gradiente de tensividade proposto por Zilberberg.

⁵A citação ou retomada de proposições de um autor é sempre um grande risco. A intenção é via de regra ser fiel ao que se imagina ter sido a própria reflexão do citado. Mas uma observação de Cl. Levi-Strauss é prova definitiva de que a boa intenção não evita a traição. Nos anos 1970, uma revista o entrevistava pelo fato de que num daqueles anos ele fora o autor mais citado no mundo inteiro, e perguntava-lhe como se sentia diante disso. Com fina ironia respondeu que se sentia desconfortável, não se reconhecia em quase nenhuma das citações.

3 O quadrado semiótico e seus destinos

Il faut que ces concepts
« communiquent » les uns avec les
autres, c'est-à-dire qu'ils occupent le
même espace.
Zilberberg (2012, p. 20)

Não pretendo com o título deste item alguma exegese em filigrana da evolução e/ou das tentativas de aprimoramento da *machinetta* de acionamento semântico, tal como Greimas chamava o quadrado semiótico. Mas não me parece descabido dizer, resumidamente, que tais tentativas e as fartas discussões sobre como ultrapassar o caráter “lógico” de sua proveniência aristotélica, para instilar nele as coerções propriamente “semânticas” da natureza da língua e das linguagens em geral, tenham sido em maior ou menor grau a confissão de que muitas grandezas não encontravam nele um lugar coerente ou explicação convincente que confortava a leitura e reflexão. Diferentemente do mundo milenar da filosofia voltada à lógica formal estrita, em que as discussões sobre o quadrado lógico aristotélico alimentam a reflexão em congressos atrás de congressos grandiosos, com representações mais ou menos próximas e homogêneas (Cf. Figuras 5, 6 e 7):

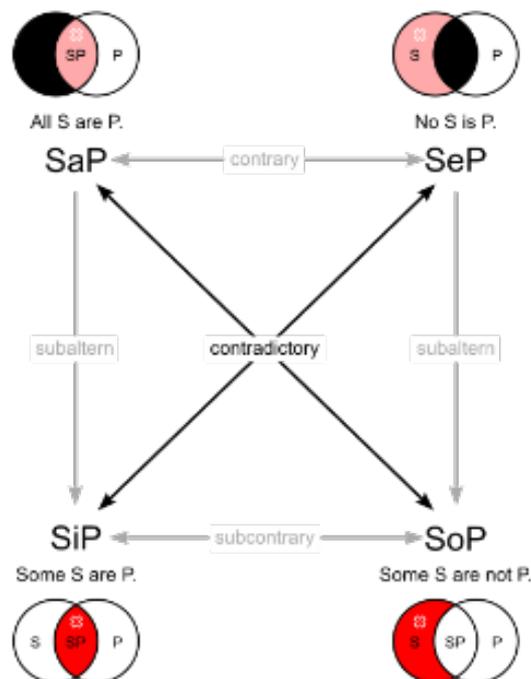


Figura 5

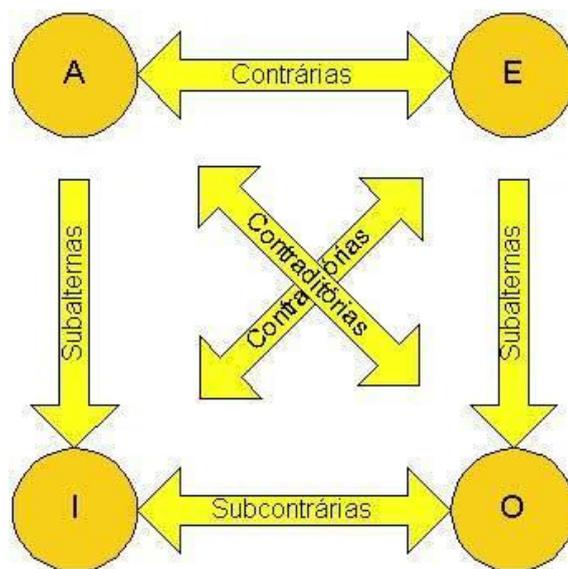


Figura 6



Figura 7

A semiótica se viu obrigada, curvada menos às coerções implacáveis da lógica e mais às instabilidades dos semantismos discursivos, a logo fazer evoluir seu quadrado semiótico⁶. A representação canônica, lançada inicialmente em *Du sens* (Greimas, 1970, p. 127), rapidamente avançou para um modelo de segunda geração (cf. Figura 8):

⁶A bem dizer um “hexágono” semiótico porquanto já em sua primeira apresentação formal exigia a presença do “eixo semântico” (S) e seu contrário (ñ-S).

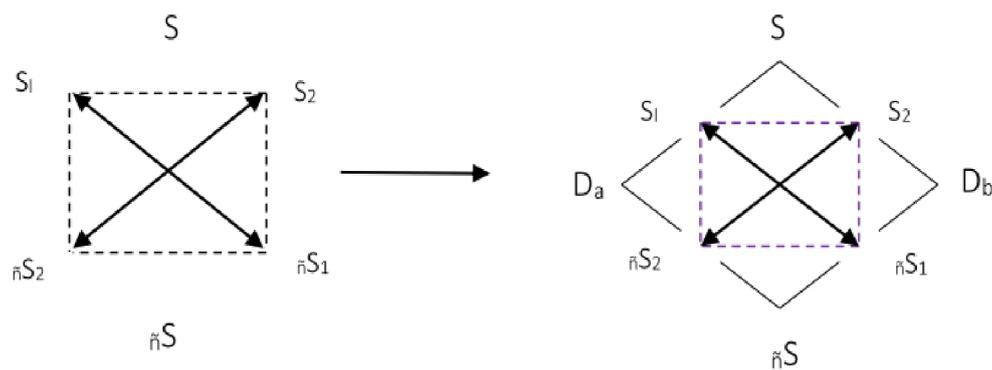


Figura 8: Desdobramento do quadrado semiótico

Qual seja, desdobrado de um quadrado (na verdade hexágono) para um duplo quadrado, ou octógono, a nova representação gráfica conquistou o feito de poder fazer “comunicarem-se” os semantismos complexos não apenas dos semas contrários (S) e dos semas subcontrários (\bar{n} -S), mas também dos entremeios semânticos das deixis do quadrado (D_a e D_b). Bem o sabemos, esse itinerário de complexificação do quadrado se deu mormente pela fecunda ideia greimasiana do quadrado da veridicção, articulado em SER/PARECER, fazendo “iluminar” e “convencer” sobre os semantismos aí envolvidos: o verdadeiro (SER+PARECER); o falso (\bar{N} -SER+ \bar{N} -PARECER); o segredo (SER+ \bar{N} -PARECER) e a mentira (PARECER+ \bar{N} -SER). Efetivo ganho heurístico, esse quadrado de segunda geração se alastrou rapidamente para a descrição, melhor motivada, das modalizações e sobremodalizações da competência modal do sujeito (DEVER/QUERER/PODER/SABER-FAZER), da sua existência modal (DEVER/QUERER/PODER/SABER-SER), da competência manipulatória (FAZER-DEVER/PODER/SABER/QUERER) e persuasiva (FAZER-CRER) do destinador, bem como de seu julgamento epistêmico (CRER-SER) e veridictório (SER/PARECER).

Por certo, a exploração desse *momento modal* da semiótica não foi levada aos últimos rincões que o terreno exigia⁷. Também parou no tempo a forte proposição de Fontanille (1984) de poder distribuir, no quadrado de segunda geração, os regimes ou dimensões amplas do sentido (cognitiva, pragmática, tímica). Enfim, os quadrados semióticos, de primeira e segunda gerações, cuja vocação era de operarem recorrentemente nos vários níveis do percurso gerativo da significação, fundamental, narrativo e discursivo, ficou pouco a pouco relegado ao esquecimento, ao pouco uso, quando não ao desuso.

Com efeito, mesmo com as importantes aquisições interpolares, ainda assim o novo superquadrado começou a mostrar certo desgaste de uso, ao lado de insatisfações das projeções encontradas para as novas casas. As discussões

⁷“Aquele que toca as modalidades logo se apercebe de que foi levado mais longe do que pensava”, diz Zilberberg (1981, p. 32), justo na obra em que pretendeu, a partir das fortes reflexões de Greimas e outros, num número especial da revista *Langages* (Greimas, 1976), explorar novos rincões das modalidades, capitaneadas nos dois regimes do fazer até então em cena, o fazer pragmático e o fazer cognitivo. Eis algumas, elencadas a esmo: modalidades tensivas, volitivas, dêmicas, trópicas, dúlicas, concupiscentes, entrópicas, libidinais, fágicas, conjugais, crematológicas. A lista atinge uma tipologia superior a uma trintena de articulações modais (Zilberberg, 1981, encarte à p. 122). Desnecessário dizer que tal proposta não teve acolhimento na comunidade dos semioticistas.

de fim de século sobre a prevalência de uma semiótica do contínuo por sobre o descontínuo, de uma semiótica do sensível por sobre a do inteligível, parecia desaconselhar o seu uso, o que é fácil de notar pela sua parca utilização, senão nula, nas publicações da última década dele e primeira do novo século⁸. Estaria o quadrado obsoleto? Teria o quadrado, primeira e segunda gerações, esgotado seu poder heurístico? Teria errado R. Thom – menciono de memória – ao tê-lo considerado como um dos poucos modelos sustentáveis em ciências humanas?

Para o nosso contexto de reflexão importa registrar o que significou esse quadrado “ao quadrado”, isto é, de segunda geração. Não parece ter sido outra senão a tentativa de recuperar um pouco mais da “granularidade” do sentido, interceptá-lo não nos polos extremos, opositivos, mas nos intervalos, nos entremeios, no dinamismo das pequenas diferenças.

Desde então, algumas outras proposições surgiram em cena, a tentar explorar alguma via mais dinâmica para dar aos trajetos semânticos internos do quadrado outras potencialidades. É o caso, por exemplo, da proposta de Landowski de conferir um trajeto cíclico por entre as oposições polares do quadrado semiótico, figurado doravante ao modo da representação do símbolo do infinito, ou como o reivindica, por “pequenas elipses” a permitir-lhe mostrar “mini-percursos de transformação” (2006, p. 76):

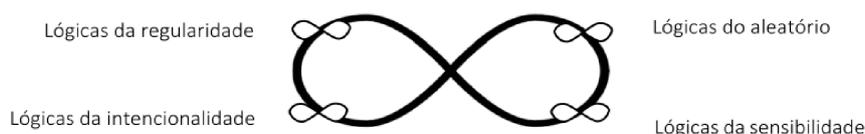


Figura 9: O quadrado semiótico na proposta de Landowski (2006).

Não me compete examinar em detalhes ou querer avaliar comparativamente tal proposição e tais circuitos cíclicos das grandezas em jogo. Apenas sua menção aqui serve para corroborar a insatisfação com as representações clássicas do quadrado semiótico. Entretanto, a dúzia de representações propostas por Fontanille (2008, p. 285-292) merecem algum reparo, porquanto pretendem projetar o quadrado semiótico “dentro” do espaço tensivo, o que em princípio se deixa ver como alvissareiro. Para os propósitos do reparo, tomemos apenas uma delas em que se propõe representar graficamente as “tensões éticas entre ‘objetivo/operador’ e ‘operador /horizonte’ ” (cf. Fig 10):

⁸ Eis alguns exemplos, por amostragem: uma única utilização do quadrado semiótico clássico em toda a reflexão sobre *Le devenir* (Fontanille, 1995, p. 126); nenhum uso dele em seu *Pratiques sémiotiques* (2008), ou antes, uma série de aplicações, a merecerem reparos (cf. adiante), que sobrepõem o quadrado dentro do espaço do grafo tensivo; apenas duas aparições do quadrado tradicional em *Passions sans nom* (Landowski, 2004, p. 51 e 237); cinco usos em um livro coletivo de perto de 500 páginas *Régimes sémiotiques de la temporalité* (Bertrand; Fontanille, 2006, p. 258, 326, 390, 451 e 472); nenhuma aplicação do quadrado em meio a dezenas de diagramas para refletir o trajeto que vai *Du sensible à l'intelligible. Pour une Sémiotique de la perception* (Moutat, 2015); apenas duas representações nos dois volumes de *Recherche Sémiotique* (Marsciani, 2012, p. 61 e 63, vol. 2); ocorrência única na coletânea de 250 páginas dos *Ateliers de Sémiotique visuelle* (Hénault; Beyaert, 2004, p. 160). Claro está que a exemplificação não quer ser exaustiva, apenas representativa.

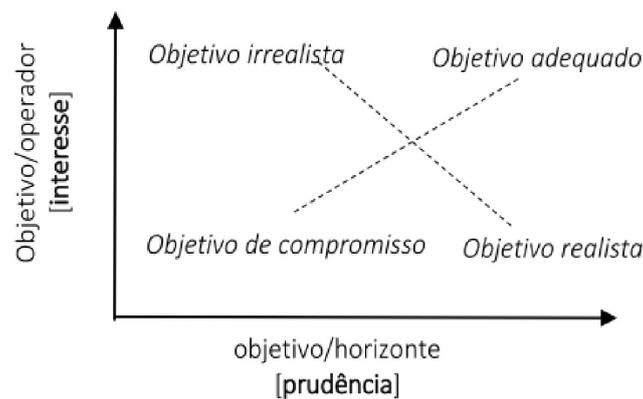


Figura 10: O quadrado semiótico “dentro” do espaço tensivo (Fontanille, 2008).

O reparo está em que, se temos de fazer “comunicar” os conceitos entre si (cf. epígrafe ao item), aqui o quadrado semiótico se projetou um tanto “a frio”, por assim dizer. O novo gráfico não cumpre a missão integradora. No caso em questão, os requisitos do grafo tensivo teria de impor que o “objetivo adequado” tanto quanto o “objetivo irrealista” fossem sempre intensos, enquanto o “objetivo realista” e novamente o “objetivo adequado” fossem sempre extensos, o que a simples intuição torna difícil aceitar. E o mesmo reparo cabe, de igual modo, aos outros onze acionamentos articulatórios apresentados no texto em questão. Noutros termos, a projeção do quadrado semiótico no gradiente da tensividade, ou vice-versa, tem de respeitar as coerções semânticas de ambos os modelos: as oposições contrárias, sub-contrárias e contraditórias em quadratura e, ao mesmo tempo, as curvaturas de intensidade e de extensidade do grafo tensivo, perante as grandezas acolhidas pelo novo modelo em sobreposição. Só assim haverá a efetiva “comunicação” entre os conceitos.

Por sua vez, caso o modelo especular, catenário, do gradiente tensivo acoplado ao quadrado, apresentado acima, tenha algum futuro nas análises, ele obriga a apontar alguns reparos também em várias utilizações que Zilberberg faz do seu próprio gradiente. Com efeito, tomemos uma delas, por amostragem (cf. Figura 11):

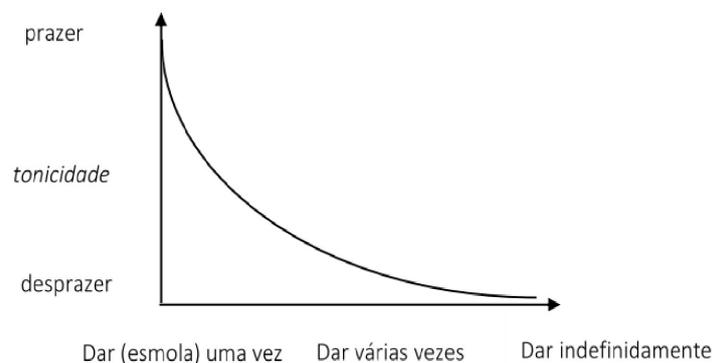


Figura 11: Esquema tensivo a partir de Zilberberg, 2012, p. 25.

Zilberberg analisa aqui uma passagem do texto de Rousseau *Les Rêveries du promeneur solitaire* (apud Zilberberg, 2012, p. 24):

Durante minhas curtas prosperidades, muitas pessoas a mim recorriam e, em todos os serviços que pude lhes oferecer, nenhum deles jamais foi recusado. Mas desses primeiros favores prestados com toda sinceridade foram nascendo cadeias de obrigações sucessivas que eu não havia previsto e de cujo peso eu não podia mais me livrar.

Na representação tensiva do grafo de Zilberberg vê-se claramente que a análise cumpre a tonicidade do “prazer” da doação (“com toda sinceridade”), na primeira doação, e da extensividade progressiva da atenuação desse prazer nas doações seguintes, várias e perenes. Mas a expressão do texto “eu não havia previsto e de cujo peso eu não podia mais me livrar” mostra claramente que o prazer que desvanece vai se mesclando com o desprazer que adquire paulatinamente, no andamento, uma tonicidade, uma intensidade. Qual seja, trata-se de uma “correlação inversa” acoplada a uma “correlação conversa” – quanto *mais dá, menos* prazer, quanto *mais dá, mais* desprazer – a que o grafo não responde a contento. A representação e análise de Zilberberg deixa ver como se o desprazer a longo termo fosse sempre fraco de tonicidade, o que, a meu ver, não corresponde à catálise das expressões finais do pequeno trecho de texto acima.

Ora, representemos as coisas de outro modo (cf. Figura 12):

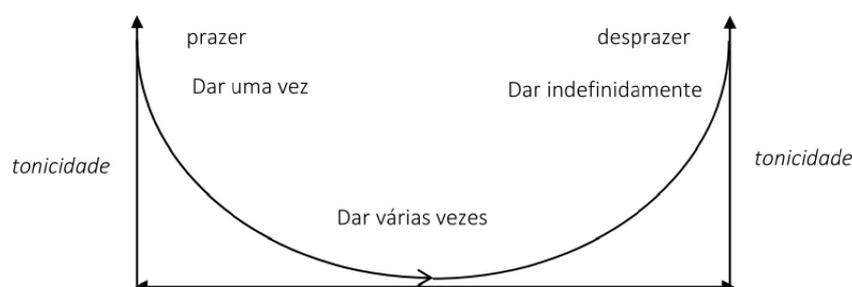


Figura 12

Quer-me parecer que a representação “catenária” cumpre a função de “fazer ver” que a curvatura, no trajeto descendente da catenária, responde pela diminuição do prazer no trajeto extensivo de seu andamento, bem como, no trajeto ascendente, responde pela tonificação do desprazer, ou seja, sua intensificação. O mesmo pode ser dito quanto às análises em que Zilberberg emprega as grandezas “forte” vs. “fraco” ou “grande” vs. “pequeno” (2012, p. 27-35). Via de regra os primeiros são alocados no vértice tônico do grafo e os segundos na base átona do grafo. Isso, a meu ver, não respeita *in totum* os valores semânticos pregnantes aos signos da língua. O signo “forte” tem a sua tonicidade semântica como o deve ter, em igual simetria, o signo “fraco”. Este tem a pregnância tônica da fraqueza, tanto quanto o outro o tem da fortaleza. E, em muitas ocorrências discursivas é o fraco que se torna timicamente mais intenso, tonificado, como quando, por exemplo, torcemos para um time pequeno ou para o lutador de menor estatura. Enfim, cada signo da

língua tem sua pregnância semântica tônica própria. É apenas no discurso que essa pregnância pode transitar nos eixos intensivo e extensivo.

No meu entendimento, salvo engano, o quadrado tensivo-catenário consegue preservar o vigor opositivo e diferencial dos termos polares, nas suas respectivas tonicidades e ou intensidades, bem como a granularidade e elasticidade das pequenas diferenças, ou a granularidade diferencial dos termos não polarizados e distribuídos no trânsito catenário das curvas descendente e ascendente, isto é, das correlações conversas e inversas.

4 (In-)conclusão

A proposição aqui levada a efeito teve como objetivo homenagear a força criativa da semiótica tensiva e, ao mesmo tempo, procurar vias de fazer “comunicarem-se” as razões categoriais do quadrado semiótico clássico com as razões tensivas da teoria semiótica de Zilberberg. A melhor sorte que lhe pode estar reservada é receber críticas severas que levem a outras proposições mais acertadas e promissoras, em outras tantas tentativas de fazer dialogar o quadrado semiótico com o gradiente de tensividade, o categorial com o gradual tensivo. Caso contrário, ela não evitará a sorte geral que ocorre nas “desafortunadas ciências humanas”, segundo Zilberberg (2011, p. 7), para as quais “as conquistas definitivas são raras e a maior parte dos conceitos lançados desaparecem não sob os golpes de uma refutação severa (*serrée*), mas simplesmente pela indiferença” (Idem, *ibid.*). ●

Referências

- ABLALI, D. ; BADIR Badir, S. *et alii*. *Analytiques du sensible. Pour Claude Zilberberg*. Limoges: Lambert-Lucas, 2009.
- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale 2*. Paris: Gallimard, 1966.
- BERTRAND, D.; FONTANILLE, J. (dir.). *Régimes sémiotiques de la temporalité*. Paris: PUF, 2006.
- ÉDELIN, F. « Une image ne démontre pas, elle convainc », *Actes Sémiotiques*, 114, 2011 [<https://www.unilim.fr/actes-semiotiques>].
- FONTANILLE, J. « Pour une topique narrative anthropomorphe » *Documents n. 57*. Paris : GRSL, p. 7-30, 1984.
- FONTANILLE, J. (dir). *Le devenir*. Limoges: PULIM, 1995.
- FONTANILLE, J. *Pratiques sémiotiques*. Paris: PUF, 2008.
- FONTANILLE, J. “En signe d’amitié fidèle et de reconnaissance à Claude Zilberberg” *Actes Sémiotiques*, 122, 2019. Disponível em: <<https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/6231>>.
- FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, Cl. *Tension et signification*. Sprimont: P. Mardaga, 1998.
- GREIMAS, A. J. *Sémantique structurale. Recherche de méthode*. Paris: Seuil, 1966.
- GREIMAS, A. J. *Du sens. Essais sémiotiques*. Paris: Seuil, 1970.
- GREIMAS, A. J. "Pour une théorie des modalités" *Langages* 43. Paris: Larousse, 1976. pp. 90-107.

- GREIMAS, A. J. ; COURTÈS, J. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 1979.
- HJELMSLEV, L. *Prolégomènes à une théorie du langage*. Paris: Minuit, 1971.
- LANDOWSKI, E. *Passions sans nom*. Paris: PUF, 2004.
- LANDOWSKI, E. *Interactions risquées*. Limoges: PULIM, 2006.
- LOPES, I. C. ; SOUZA, P. M. *Estudos Semióticos do Plano da Expressão*. São Paulo: FFLCH-USP, 2018.
- MARSCIANI, F. *Ricerche Semiotiche I. Il tema transcendentale*. Bologna: Esculapio, 2012.
- MARSCIANI, F. *Ricerche Semiotiche II. In fondo al semiotico*. Bologna: Esculapio, 2012.
- MENDES, C. M.; LARA, G. M. P. *Em torno do acontecimento. Uma homenagem a Claude Zilberberg*. Curitiba: Appris, 2016.
- MOUTAT, A. *Du sensible à l'intelligible. Pour une sémiotique de la perception*. Limoges: Lambert-Lucas, 2015.
- ZILBERBERG, Cl. *Essai sur les modalités tensives*. Amsterdam: John Benjamins, 1981.
- ZILBERBERG, Cl. « L'affect comme clef cognitive ? » *Eutopias*, 2a época, vol. 49. Centre de sémiotique de l'Université de Valence, 1994.
- ZILBERBERG, Cl. *Raison et poétique du sens*. Paris: PUF, 1988.
- ZILBERBERG, Cl. *Éléments de grammaire tensive*. Limoges: PULIM, 2006.
- ZILBERBERG, Cl. *Des formes de vie aux valeurs*. Paris: PUF, 2011.
- ZILBERBERG, Cl. *La structure tensive*. Liège: PUL, 2012.

Dados para indexação em língua estrangeira

Bevidas, Waldir

The catenation and tensive structures as patterns for the semiotic square

Estudos Semióticos, vol. 15, Edição Especial (2019)

ISSN 1980-4016

Abstract: *The aim of this article: to explore a suggestion of Zilberberg in an en passant speculation, when he proposes that “the categorical presupposes the progressive, that establishes the first one” and that “the categorical is reached by the suspension of the catenary terms and conservation of the extreme terms” (1981, p. 10). Catenary - from the Latin catena [chain] - is defined in dictionaries as a curve in which hangs, under the influence of their own weight, a thread suspended by the extremities. This geometric figure allows to “reflect” the tensive gradient - the figure of the letter L, with intensive vertical axis and extensive horizontal axis - coupled to its mirror (an inverted L), a second intensive and extensive axis. The first L would respond by the “tonicity” (in the intensive verticality) and its “degradation” (in the horizontal horizontality) of the first term (S1); the inverted L would respond by the tonicity and degradation of the second term (S2). In short, the tensive gradient is doubled to accommodate the two categorical terms of the semiotic square, which thus becomes tensive (or “tensivises”).*

Keywords: *tensive semiotics; intensity; extensiveness; catenary; semiotic square.*

Como citar este artigo

Bevidas, Waldir. Um modelo catenário e tensivo para a estrutura do quadrado semiótico. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: { www.revistas.usp.br/esse }. Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes, José Américo Bezerra Saraiva e Eliane Soares de Lima. Volume 15, Edição Especial, São Paulo, abril de 2019, p. 39-53. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 21/02/2019

Data de aprovação do artigo: 05/03/2019
